

O DISCURSO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE VICÊNCIA SOBRE A NOÇÃO DE “RAÇA”

THE SPEECH OF THE PEDAGOGICAL COORDINATION OF THE MUNICIPAL SCHOOLS IN VICÊNCIA ABOUT THE CONCEPT OF "RACE"

Maria da Conceição Costa Melo
Secretaria Municipal de Educação de Vicência-
PE
costamcjm@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta inquietações sobre o discurso em sala de aula acerca da noção de “raça”, na Rede de Ensino do Município de Vicência, localizada no interior de Pernambuco. Trata-se de um termo que comumente vem à tona em debates no cotidiano escolar, em quaisquer áreas de conhecimento. Sendo assim, ressalva-se a importância do entendimento de professores/as atuantes na coordenação pedagógica, de que este termo não mais se aplica a explicação da diversidade humana. Essas profissionais são responsáveis pela formação de professores/as logo seus discursos influenciam nas práticas docentes. O estudo envolveu vinte coordenadores pedagógicos, interpretados à luz da Teoria Social do Discurso, proposta por Fairclough, qual analisa o discurso como texto, prática discursiva e social. Dois questionamentos foram utilizados para levantamento de corpus. O resultado da investigação identificou traços que se configuram como obstáculos para formação de professores/as, consequentemente, para o ensino das ciências e das relações étnico-raciais.

Palavras chave: noção de “raça”, análise de discurso crítica, ensino de ciências.

Abstract

This work presents concerns about the speech in class about the notion of "race", the Education Network of the Municipality of Vicenza, located in the interior of Pernambuco. It is a term that commonly comes up in debates in school life, in any area of knowledge. Thus, it is emphasized the importance of understanding teachers / working in the pedagogical coordination, that this term no longer applies the explanation of human diversity. These professionals are responsible for the training of teachers / the logo speeches influence the teaching practices. The study involved twenty coordinator, interpreted in light of Social Theory of Discourse, proposed by Fairclough, which analyzes the speech as text, discursive practice and social. Two questions were used to survey corpus. The result of the investigation identified traits that stand as obstacles to teacher training / as, consequently, for the teaching of science and ethno - racial

Keywords: notion of “race”, critical discourse analysis, science teaching.

Introdução

Tem sido verificada ao longo dos anos, no cotidiano da sociedade brasileira, a atribuição de características humanas, psicossociais – comportamento, cultura – traços de personalidade e poder aquisitivo a traços somáticos, como a cor da pele. Tal atribuição tem como princípio norteador, por vezes implícito e inconsciente, o conceito de “raça”, isto é, a divisão de pessoas em grupos que partilham de características visíveis em comum, como é o caso da cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz, caixa craniana, etc. A crença de que os humanos podem ser classificados em “raças” está comumente associada à concepção de que existem raças superiores a outras.

Os exemplos de práticas racistas são visíveis na sociedade brasileira, porém não estão presentes apenas em nossa realidade. Fatos como a reconstrução e segregação dos Estados Unidos, a exterminação dos judeus em campos de concentração na Alemanha e o Apartheid na África do Sul são provas disso. Mais recentemente, em julho de 2005, a execução do brasileiro Jean Charles pela polícia Inglesa com oito tiros, sendo sete na cabeça. O mais cruel nesse caso foi o fato de que, por se tratar de um imigrante, indivíduo que não tinha características de um europeu, o jovem foi morto sem direito a defesa. Sem dúvida, essa foi uma atitude racista, que comprova como essa prática está arraigada mundo afora.

Segundo Santos (2002), a globalização vai além das relações político-financeiras. As especificidades e particularidades do processo devem ser levadas em conta, visto que essas transformações alteram as relações sociais e étnico-raciais. Por certo, essas mudanças contribuíram para aguçar ainda mais o racismo existente contra determinados grupos sociais, sempre baseados “*na avaliação de quem é “o outro”, ou seja, o imigrante, o estrangeiro, o negro, enfim, o não reconhecido nele próprio: o diferente, o não branco*” (FERNANDES, 2006).

É importante destacar que a escola e os/as professores/as das diferentes áreas de conhecimento podem ter papel decisivo na abordagem de questões étnico-raciais em sala de aula, no sentido de promover a educação das relações étnico-raciais e de combater práticas racistas. Partindo deste princípio, foi realizada uma pesquisa no sentido de analisar o discurso das professoras da coordenação pedagógica acerca da noção de “raça”, para isso foi verificado de onde provem os conhecimentos por elas mobilizados frente a este termo, mas também identificado como as mesmas propõem abordar a noção de “raça” nas aulas de Ciências. Por fim, interpretado este discurso e, suas implicações para a formação de docentes da Rede de Ensino Municipal, para o ensino das Ciências e para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

O Discurso Racista na Escola

Ao falar de discurso, é necessário, antes de tudo, definir o que entendemos por esse termo. Em termos científicos, o discurso converte-se em concepções teóricas bastante diversificadas. Apesar disso, algo é comum em todas as concepções: o discurso não é a língua em si, mas o uso que é feito dela em diferentes momentos de comunicação. Nesse caso, a língua não é o que produz o discurso, mas apenas é parte material deste, ou seja, a parte visível. Assim, discurso seria todo o complexo sistema comunicativo que envolve uma ação de linguagem entre indivíduos, os quais estariam sujeitos às coerções históricas e sociais no momento da comunicação.

Segundo Foucault (1986, p. 56), “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que

fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irreduzíveis à língua ou ao ato de fala”. Dessa forma, para Foucault (1972), o discurso não é apenas a língua, mas utiliza-se dela para realizar-se materialmente. Portanto, quando materializado, o discurso passa a revelar versões da realidade construídas a partir do indivíduo que o (re) produz. Isso indica que o discurso é uma forma de construção da realidade pelos sujeitos sociais marcados historicamente.

Sendo assim, o discurso do(a) professor(a) se converte em objeto de estudo no meio acadêmico por haver evidências de que o discurso educacional é um dos que mais influenciam a sociedade, perdendo apenas para o midiático (DIJK, 2010. p. 72). Neste sentido, identificar o(s) discurso(s) presente(s) nas escolas é fundamental para a desconstrução de práticas racistas, visto que os sistemas educacionais são meios pelo qual se pode perpetuar ou mudar para a apropriação de novos discursos propositivos às relações étnico-raciais. Pesquisas têm revelado que o livro didático, em vários países ocidentais, continua reproduzindo estereótipos sobre a etnia negra, valorizando de forma intensa as atividades e produtos culturais do mundo eurocêntrico (BLONDIN, 1990; KLEIN, 1985; PREISWERK, 1980; VAN DIJK, 1993, apud VAN DIJK, 2010).

De acordo com Dijk (2010), o racismo se configura como um complexo sistema social de dominação formado por dois subsistemas: social e cognitivo. O primeiro se materializa mediante as práticas sociais de discriminação, de relações e de abuso de poder por grupos, organizações e instituições dominantes; enquanto que o segundo se configura em representações mentais socialmente compartilhadas que são expressas, formuladas, defendidas e legitimadas mediante a escrita e a fala, ou seja, por intermédio do discurso.

(Des) construção da noção de “raça” nas aulas de Ciências

Antes de iniciar esta discussão, vale enfatizar que o ensino das Ciências está relacionado à prática didática que tem por objetivo o ensino e aprendizagem de conceitos científicos, procedimentos, atitudes e habilidades científicas, visto que se trata de uma linguagem discursiva, patrimônio da humanidade, necessária em sala de aula e em outros espaços socioeducativos (KRASILCHIK; MARANDINO, 2004).

No Ensino Fundamental, o Ensino das Ciências se configura na disciplina de Ciências Naturais e, no Ensino Médio, nas disciplinas de Biologia, Física e Química. Mesmo que os Parâmetros Curriculares Nacionais orientem a abordagem de questões étnico-raciais numa perspectiva transversal, pressupõe-se que estas são mais abordadas pelas disciplinas de Ciências Humanas, uma vez que o Parecer CNE/CP 003/2004 (BRASIL, 2004), que regulamenta a alteração trazida à Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pela Lei 10.639/2003, legalizando a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

No sentido de dar conta das novas exigências atuais frente aos problemas sociais relacionados a práticas racistas, o Ensino das Ciências tem muito a contribuir. Carvalho, Cachapuz e Pérez (2012), em suas pesquisas, têm mostrado a relevância deste como compromisso científico e social. Assim, a des (construção) da noção de “raça”, por meio de abordagens nas quais as Ciências sejam percebidas como prática social regulada em função dos interesses sociais, econômicos, políticos e culturais de cada época histórica se fazem necessárias.

O conceito de raça, criado pelas Ciências Naturais ainda no século XVIII para classificar os animais e as plantas, sendo o ser humano considerado um animal a partir deste período histórico, também foi aplicado nas Ciências Humanas. No entanto, os avanços científicos ocorridos na segunda metade do século XX levaram ao reconhecimento de que não há, entre os seres humanos, diferenciações genéticas significativas e, por conseguinte, não faz mais

sentido considerar que traços como cor da pele, forma do crânio ou forma do nariz contribuem para os indivíduos serem geneticamente diferentes uns dos outros.

Para Munanga e Gomes (2006, p. 176 e 177), “o conceito de etnia é mais adequado porque não emprega o sentido biológico, atribuído à raça, o que colabora para superação da ideia de que a humanidade se divide em raças superiores e raças inferiores”. O conceito de “raça” foi utilizado na Botânica e na Zoologia, no século XVIII, para categorizar diferentes populações de uma mesma espécie biológica em Classes, Ordens, Gêneros e Espécies. Nessa perspectiva elaborada pelo cientista Carolus Linnaeus, (Carl Von Linné, 1707-1778), o ser humano foi incluso na Ordem dos Primatas, constituindo a ordem de mamíferos, ao lado dos macacos, lêmures e morcegos, sendo denominado de Homo Sapiens (NOMURA, 2011).

Ainda com base em Munanga (2003), a classificação da espécie humana proposta por Von Linné em variedades de raça, com base em características físicas e morais específicas, influenciou tanto no pensamento dos cientistas da área de Ciências Naturais quanto nos das Ciências Humanas. Do ponto de vista histórico, é válido salientar que o conceito de “raças” humanas foi estabelecido num contexto social em que europeus deslocaram-se do seu continente tomando conhecimento da existência de outros povos, muitos destes com cor de pele diferente da deles. Isso constata que o discurso se constitui em função de fatores socioeconômicos e culturais de determinada época histórica, prevalecendo aquele com maior dispositivo de dominação.

No entanto, as novas descobertas pelas Ciências, em destaque a Genética, revelaram a inexistência de diferenças entre indivíduos da espécie homo sapiens, sendo o termo utilizado apenas como categoria social para definição de políticas de ordem socioeconômica e cultural e para identificar um grupo cultural ou étnico-linguístico, sem quaisquer relações com um sentido biológico.

Contribuições da Análise Crítica do Discurso

O discurso, na perspectiva de fenômeno constitutivo da sociedade, fundamenta a Análise de Discurso Crítica (ADC). Para esse aporte teórico-metodológico, é importante considerar a análise linguística como método de estudo da mudança social (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003), destacando a linguagem como prática social, ou seja, como processo de construção da realidade na interação sociocomunicativa, no qual estruturas linguísticas atuam como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas.

Considerando o discurso como prática social, Fairclough (2001a) propôs um modelo tridimensional de Análise de Discurso, integrando as práticas discursivas às sociais. O modelo tridimensional aponta uma relação entre texto (discurso) e prática social mediada pela prática discursiva, que concentra processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, além “de processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e instituições particulares” (RESENDE, 2011, p 28).



Figura 01 Concepção tridimensional do discurso

Os estudos em análise crítica do discurso vêm mostrando que a relação entre discurso e a sociedade tem um papel importante na forma como cada grupo social se organiza. Por esse motivo, Fairclough (2001) afirma que a natureza do discurso é dialética, tanto constituem quanto refletem a realidade social. Sendo assim, pode-se dizer que uma sociedade é produto das práticas discursivas que nela circulam e, ao mesmo tempo, ela é produtora dessas práticas. Se os estudos mostram que a maioria da população é incapaz de ascender ao discurso científico, deve haver uma dialética de outra ordem que não a da relação entre a ciência, sociedade e educação. Para Fairclough, uma das formas de diminuir a desigualdade social seria a democratização do discurso, ou seja, o acesso aos discursos privilegiados socialmente. Por exemplo, a utilização da linguagem científica para as crianças e jovens ainda parece não ser promovido na escola (HEWSON e HEWSON, 1987; TRIVELATO, 1993; ADAMS e KROCKOVER, 1997; BEACH e PERSON, 1998 e HEWSON et al, 1999 apud CARVALHO, 2004).

Materiais e Métodos

A pesquisa foi de base qualitativa, pois não pretendeu a generalização, mas o entendimento, a compreensão e o conhecimento de uma situação específica, constituindo um estudo de caso, focalizando um determinado contexto social. A instituição social selecionada foi a Secretaria Municipal de Educação, na qual funciona todo processo de organização educacional da Rede de Ensino. O público-alvo foi vinte professoras da coordenação pedagógica, sendo quatorze com formação em áreas de Ciências Humanas, cinco em Ciências da Natureza e uma em Matemática. A função desta equipe é promover formação continuada, acompanhando e orientando os/as professores/as em suas práticas educativas. Em fim, elas são mediadoras entre o sistema de ensino proposto para a rede e o trabalho que os/as professores/as realizam em sala de aula.

Para análise da amostra, elas foram nomeadas pela nomenclatura Cp/CH, Cp/CN e Cp/CM. Associando dessa forma a Cp (coordenadora pedagógica) a Área de Conhecimento de onde deriva sua formação. Assim a terminologia CH corresponde a (Ciências Humanas), a CN significa (Ciências da Natureza) e CM expressa (Ciências da Matemática), acrescentado à enumeração que varia de 01 a 20, entre parêntese. O questionário, contendo duas questões, obteve o corpus do público alvo, que foi interpretado à luz da Análise Crítica do Discurso, com base nas dimensões: natureza discursiva acerca da origem da noção de “raça” e natureza discursiva para a abordagem da noção de “raça” nas aulas de Ciências. A escolha das duas dimensões se deve pelo fato de serem aspectos relevantes na orientação sobre o processo de ensino-aprendizagem em formação continuada, visto que as chances de refletir sobre o que se pensa e como se propõe a ensinar podem tender à (des) construção de seus discursos.

Resultado e Discussão

O corpus sobre o discurso das vinte professoras foi analisado através do texto escrito, em resposta à questão sobre de onde provêm suas ideias sobre “raça”. A análise dos textos escritos sobre esse questionamento revela que 14 das professoras (70%) expressam em seu texto traços discursivos relacionados à compreensão de “raças” no sentido biologizado. Enquanto que 06 professoras (30%) mencionaram traços correlacionados à identificação de grupos humanos em relação à cultura, à crença e aos costumes. Transcrevem-se, abaixo, as respostas de algumas professoras desta equipe de coordenação:

Cp/CN (3): “são características de pessoas ou animais que passam de geração para outras”.

Cp/CN (6): “é a identificação de um povo no que diz respeito a costumes, crenças, etc.”.

Cp/CN (14): “é um tipo de classificação dada para dividir as espécies”

Cp/CN (17): “são as espécies relacionadas às classes dos animais”.

No discurso de Cp/CN(14) e Cp/CN(17), há presença de enunciados relacionados com as ideias de classificar as espécies muito próximas da empregada pelo cientista Carl Von Linné (1707-1778) para explicar a variedades de seres vivos, entre os quais o ser humano. Enquanto que a Cp/CN(3) destaca que “são características de pessoas ou animais, que passam de geração para outras” agregando à noção de “raça” a hereditariedade, relação essa já superada pela ciência, pois foi comprovado que as diferenças genéticas na espécie humana são mínimas.

Considera-se então que as rígidas divisões das áreas de conhecimento em disciplinas estanques, proporcionando uma visão fragmentada, e a maneira como estão organizados os componentes no currículo escolar podem se configurar em prováveis traços que dificultam a renovação do discurso destas coordenadoras para promover uma formação para a cidadania, uma vez que há, segundo Santos (2006), um “*distanciamento entre os conceitos científicos aprendidos em sala de aula e as questões científicas verdadeiramente relevantes para a vida das pessoas*”.

Em relação à segunda dimensão, a natureza discursiva para a abordagem da noção de “raça” em sala de aula, foi possível perceber a ausência de estratégias de ensino proposta pela Didática das Ciências nos tempos atuais. Apenas 02 (10%) da amostra definem estratégias propositivas à (re) construção de conhecimentos científicos, São elas a Cp/CH(13), que propõe “uso de textos informativos, pesquisas, conversações, músicas” e a Cp/CH(15), respondendo que “por meio de investigação, pesquisas e vivências de práticas corporais”. Os textos da maioria, 18 (90%), deixam pistas plausíveis à transmissão de conhecimentos. Vejamos, abaixo, a transcrição de algumas respostas:

Cp/CN (3): “Nas aulas de Ciências podemos afirmar que raça se identifica com animais”.

Cp/CN(6): “De uma forma que o negro seja mostrado como um povo que tem seus costumes, suas crenças e que auxiliou na formação do povo brasileiro de forma positiva, uma vez que raça não é só cor de pele ou tipo de cabelo. Mostrando também a importância do mesmo para o desenvolvimento social e econômico do nosso país”;

Cp/CN(14): “É provável que façamos uma comparação baseada no que aprendemos nas aulas de Ciências sobre o conceito de raça. Poderei trabalhar com os estudantes a questão de como isso se originou, buscando mostrar a luta do povo negro pra reafirmar sua importância na formação do povo brasileiro, aproveitando o tema para discutir sobre etnias”;

Cp/CN(17): “Levando o aluno a identificar a célula que dá a cor da pele, o período das colonizações e outros fatores de origem do brasileiro, deixando-o concluir seu próprio conceito de ‘raça’”.

No discurso de Cp/CN (14), fica explícito que ela abordaria a noção de “raça” relacionando a fenômenos socioculturais, visto que ela faz referência à importância do negro na formação do povo brasileiro e também ao termo etnia. Porém, independente disso, a noção que ela tem de

“raça” é um tipo de classificação dada para dividir as espécies. Com isso, seu discurso tanto se aproxima do discurso sobre a divisão das espécies em hierarquia proposto pelo cientista Carl Von Linné (1707-1778), como também do de etnia, das Ciências Humanas. É possível que ambos os discursos coexistam em sua prática discursiva, mostrando que, embora Cp/CN (14) tenha conhecimento sobre as novas abordagens científicas sobre a questão, as antigas percepções não foram abandonadas, mas acumuladas.

Em consonância com a noção que tem de “raça”, Cp/CN(6) mantém seu discurso numa perspectiva afirmativa da participação do povo negro na sociedade brasileira e desenvolvimento do país, retomando novamente os critérios “costumes” e “crenças” como caracterizadores de um grupo social. Porém, ao expressar “raça não é só cor de pele ou tipo de cabelo”, revela que, em suas práticas, a noção biologizada do termo “raça” ainda faz parte de suas concepções e, assim como Cp/CN(14), ela acumula tais conhecimentos, não acompanhando as atuais tendências científicas.

A Cp/CN(3) é totalmente marcada pela concepção de “raça” como um fenômeno biológico, característico dos animais, dentre os quais o homem. Pois, tanto em seu entendimento sobre a noção de “raça” quanto em sua forma de abordá-la, ela expressa essa relação, o que deixa claro o seu distanciamento do discurso científico contemporâneo. Diferentemente de Cp/CN(14) e Cp/CN(6), ela sequer faz referência a questões culturais e sociais, passando a ideia de que a espécie humana é composta por diferentes grupos que se distinguem quanto a características hereditárias.

Também a Cp/CN(17) deixa marcado em seu discurso que sua abordagem é amplamente orientada por uma perspectiva biológica, muito similar à proposta de Linné, perceptível no enunciado “conduzindo o aluno a identificar a célula que dá a cor da pele”, já que a cor da pele foi uma das evidências destacadas pelo cientista para classificar os grupos humanos. Esse fato revela que é possível que ambas, por desconhecerem as mudanças que ocorreram no campo das Ciências desde a segunda metade do século XX, continuam recorrendo às informações advindas, provavelmente, do seu período de escolarização e/ou formação.

Diante desta breve análise, pode-se afirmar que formar professores/as que saibam propor abordagens sobre a diversidade étnico-racial requer, a priori, a superação de alguns obstáculos, entre os quais: o entendimento da noção de “raça”, abordagens de ensino fragmentadas, pois, de acordo com Silva (2009), a educação das relações étnico-raciais para o empoderamento dos/as educandos (as) afrodescendentes requer o (a) professor (a) passe a “assumir a existência de discriminação e identificar se os/as próprios/as docentes não discriminam estudantes e outros/as professores/as..”

Ainda segundo Silva (2009), a abordagem pedagógica deve ser orientada a “*superar atitudes como a repetição acrítica de estereótipos*”, sendo relevante a utilização de uma abordagem “leve”. Para o pesquisador, uma abordagem focada em discussões permite levantar questões sobre discriminações de origem étnico-racial, de gênero, padrões físicos e estéticos, aspectos que podem ser tratados conjuntamente em atividades.

Outra contribuição a partir dessa pesquisa é sugerir a inclusão nas políticas de formação continuada para os/as professores/as daqueles/as que atuam em Coordenação Pedagógica. Momentos de reflexões acerca da natureza das ideias científicas, das transformações e/ou adequações das Teorias das Ciências, sua linguagem favorecem a abordagem de práticas críticas e criativas situadas em problemas sociais que afetam a vida cotidiana do/as educandos/as.

Conclusões

Frente à análise exposta, percebe-se que a maioria das professoras da coordenação pedagógica se contradiz entre o que pensa sobre a noção de “raça” e o que se propõe a ensinar em sala de aula. Os conhecimentos mobilizados revelam a existência de traços relacionados às teorias raciais do século XVIII e XIX, baseadas em aspectos biológicos. Conhecimentos que se convertem em instrumentos para agirem sobre o mundo e sobre as outras pessoas. Com esse entendimento, a formação docente fica comprometida visto que permanece constituindo e construindo o mundo em significado com base numa Ciência a-histórica, imutável, de verdades absolutas, bastante relacionadas ao tempo de sua escolarização e de formação.

Para superação deste tipo de discurso sugerimos momentos de reflexões sobre a Ciência como uma prática social, sujeita a transformações, o contexto histórico em que as teorias foram produzidas e o tipo de linguagem utilizada. Por esse motivo, é necessário estudar melhor a relação entre o discurso das professoras e a escola para entender como o discurso científico circula na prática pedagógica do/a professor/a e se esse discurso contribui para a perpetuação ou desconstrução de práticas racistas contra os/as negros/as. Para esse propósito, a Análise Crítica do Discurso se constitui como uma ferramenta de extrema importância para o professor/as promover a mudança social imprescindível à afirmação e a revitalização da autoimagem do povo negro.

Referências

- BRASIL, **Orientações de Ações para a Educação das Relações Etnico-raciais**. Brasília: CECAD, 2010.
- CACHAPUZ, A. F.; CARVALHO, A. PERÉZ. G. (Orgs). **O Ensino das Ciências como compromisso científico e social: os caminhos que percorremos**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FAIRCLOUGH, N **Discurso e Mudança Social**. Coordenadora da Tradução: Izabel Magalhães, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad: Laura Fraga de Almeida Sampaio, 20° ed., Edições Loyola, 2010.
- MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Acesso em: 15 dez. 2012.
- SANTOS, B.V. S. **Um Discurso Sobre as Ciências**. 7 ed., São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, P. R. **O ensino de Ciências e a idéia de cidadania**. Revista Mirandum, ano X, n. 17, 2006. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand17/prsantos.htm>>. Acessado em: 20 set. 2013.
- SILVA, D.V. C. **A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos** - São Carlos: UFSCar, 2009.